

O EDITORIAL NO JORNAL *O CARAPUCEIRO* E A TRANSPOSIÇÃO PARA O ENSINO

Carolina Maria Bezerra Cavalcanti¹
Valéria Severina Gomes²

RESUMO: Neste artigo a língua(gem) é concebida como elemento responsável pelo processo de interação entre homem e realidade social. Assim, o estudo da língua(gem) está relacionado à sociedade que a produz, assim como as mudanças na língua e na formação de modelos textuais estão relacionadas às mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. Temos como objetivo pesquisar, tomando como base os estudos sócio-históricos da língua(gem) (MATTOS E SILVA, 2004; PESSOA, 2003; OESTERREICHER, 2002; KABATEK, 2003 e outros), a abordagem processual entre diacronia e sincronia, a historicidade da língua(gem) e a performance do editorial no jornal *O Carapuço* do século XIX, a partir das práticas sociais de leitura e de escrita próprias das condições de produção desse período. No que diz respeito ao ensino, os resultados deste trabalho buscam contribuir para a ampliação da competência comunicativa dos indivíduos, através de uma concepção interacionista e sócio-histórica da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; gêneros textuais; editorial; tradições discursivas.

RESUMEN: En este artículo la lengua/lenguaje es concebida como elemento responsable por el proceso de interacción entre el hombre y la realidad social. Así, el estudio de la lengua/lenguaje está relacionado a la sociedad que la produce, así como los cambios en la lengua y en la formación de modelos textuales están relacionados a las transformaciones sociales ocurridas a lo largo del tiempo. Tenemos como objetivo investigar, basados en los estudios socio-históricos de la lengua/lenguaje (MATTOS E SILVA, 2004; PESSOA, 2003; OESTERREICHER, 2002; KABATEK, 2003 y otros), el abordaje procesual entre diacronía y sincronía, la historicidad de la lengua/lenguaje y la performance de los editoriales publicados en el periódico *O Carapuço* del siglo XIX, desde las prácticas sociales de lectura y de escrita propias de las condiciones de producción de este periodo. En relación a la enseñanza, los resultados de este trabajo buscan contribuir para la ampliación de la competencia comunicativa de los individuos, a través de una concepción interacionista y socio-histórica de la lengua.

PALABRAS CLAVES: Lenguaje; géneros textuales; editorial; tradiciones discursivas.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Integrante do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/UFRPE/CNPq (2012-2013).

² Professora do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco e coordenadora do projeto institucional intitulado “Tradição discursiva e letramento: a historicidade da língua(gem) e dos gêneros jornalísticos do século XIX aplicada ao ensino”.

1. Introdução

Concebemos a língua(gem) como o processo de interação entre homem e realidade social. Nesse sentido, o estudo da língua(gem) está relacionado à sociedade que a produz. Segundo Maingueneau (2001), no discurso, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, ou seja, as condições de produção constituem o sentido da sequência verbal produzida. A concepção sócio-histórica e interativa da língua(gem) que embasa a abordagem processual entre diacronia e sincronia proposta neste artigo respalda o objetivo de pesquisar a historicidade da língua(gem) e do editorial, do jornal *O Carapuceiro* do século XIX, visando à reconstrução da performance do gênero nas dimensões formal e linguístico-discursiva. Completa este propósito, a reflexão dos dados obtidos, sob o ponto de vista do ensino, com ênfase nos eixos da leitura e da escrita.

Este trabalho surgiu da necessidade de se estimular leituras cada vez mais críticas e reflexivas sobre o contexto no qual os sujeitos estão inseridos, sobre a língua, sobre os textos e sobre as mudanças pelas quais passam, especialmente no domínio das produções jornalísticas. A utilização do jornal na sala de aula tem sido bastante recomendada, pois é um ótimo material de estudo, que veicula informação e faz a ponte entre a escola e o mundo. Nesse sentido, é importante investigar, de maneira interdisciplinar, como se dava e se dá a composição dos gêneros no jornal, estabelecendo a relação entre os contextos de produção do passado e do presente.

A partir do século XIX, a imprensa periódica assume funções de agente de cultura, de mobilizadora de opiniões e de propagadora de ideias. Muitos periódicos tiveram importância no registro das novidades e costumes da sociedade recifense nesse século. Entre eles está *O Carapuceiro*, seguido do subtítulo “Periódico sempre moral e, só *per acidens* político”. Este periódico é um exemplo do jornalismo doutrinário, preocupado em ocupar o lugar formador da opinião pública esclarecida e atuante. Teve como único redator o Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, conhecido como Padre Carapuceiro, e circulou em várias fases, com periodicidade irregular, de abril de 1832 até dezembro de 1842, e de forma esporádica entre 1843 e 1847. Por meio desse jornal, o Padre Carapuceiro foi um “crítico de costumes, analista social do seu tempo, foi sobretudo um retratista dos hábitos da sociedade de sua época” (SILVA, 1983, p. 2). Por isso, esse periódico torna-se um bom exemplo para o (re)conhecimento dos hábitos sociais, culturais e de leitura e escrita dessa época.

O *corpus* é constituído de três volumes do livro *O Carapuceiro: Padre Lopes Gama* (Edição fac-similar do jornal do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama), da Prefeitura da Cidade do Recife e Secretaria de Educação e Cultura, de 1983. Foram analisados 30 números do jornal. Na transcrição, foi conservada a originalidade dos textos e foram seguidas as notações de ordem filológica organizadas por Guedes & Berlink (2000). A fundamentação teórico-metodológica concentra-se nos aportes teóricos da Linguística Sócio-histórica, com ênfase na história do português brasileiro (MATTOS E SILVA, 2004; PESSOA, 2003), da Teoria dos Gêneros (MAINGUENEAU, 2001; MARCHUSCHI, 2002), do conceito de Tradição Discursiva (OESTERREICHER, 2002; KABATEK, 2003) e das pesquisas acerca do letramento (SOARES, 2002; ANTUNES, 2003; ROJO, 2000).

Do ponto de vista da Linguística Sócio-histórica, o conhecimento específico da origem e das transformações pelas quais passam os gêneros textuais torna-se útil também para a compreensão das mudanças do sistema linguístico. A visão tripartida da língua proposta por Coseriu (1979) nos possibilitou trazer para as análises linguísticas a compreensão da língua como processo histórico. O conceito de Tradição Discursiva (TD) nasceu a partir do nível histórico proposto por Coseriu e foi se ampliando ao longo do tempo. Partindo da reduplicação do nível histórico coseriano, Osterreicher (2001) discute que os textos não são produtos estáticos, circulam em diferentes contextos socioculturais, apresentam, na fala e na escrita, um *continuum* de variações e passam por transformações em diversos períodos históricos.

As pesquisas sobre gêneros textuais, com o acréscimo do conceito de Tradição Discursiva, vêm contribuindo, cada vez mais, para aumentar a compreensão dos processos de recepção, produção e renovação dos textos, historicamente reconhecidos e utilizados pelos grupos sociais. O conceito de Tradição discursiva engloba os gêneros e o seus elementos constitutivos em diversos níveis. Daí a compreensão de que nem toda TD é gênero textual, mas todo gênero textual, pelas regularidades que se transformam em habitualizações, é TD (BARBOSA, 2012, p. 591).

A utilização dos gêneros em sala de aula tem sido bastante frequente e recomendada, pois possibilita ao aluno compreender e produzir melhor, além de colocá-lo em situações comunicativas reais, em diversos contextos sociais. Para o direcionamento deste trabalho para a sala de aula, partimos de uma concepção de letramento como as consequências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade (TFOUNI, 1995). Daí a importância do estudo dos hábitos de leitura e de escrita que levam em conta o contexto sócio-histórico, a exemplo da contextualização da imprensa pernambucana no século XIX.

2. Contexto sócio-histórico da imprensa pernambucana no século XIX

No início do século XIX, com influências da Europa, os acontecimentos do Brasil eram, na maioria das vezes, reflexos do que estava acontecendo naquele continente. O jornalismo europeu, pelo menos em uma de suas vertentes, torna-se um instrumento do projeto iluminista de mudar ideias e maneiras das pessoas comuns. No entanto, foi só após a emancipação política do país, que características iluministas do jornalismo do velho continente se ampliaram em território brasileiro. Era um período de transformações políticas, sociais, culturais, e a maioria da população brasileira era analfabeta. Os textos eram escritos por um pequeno grupo de letrados, geralmente homens públicos, que tinham maior grau de instrução.

A imprensa foi implantada no Brasil quando a corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1808, e foi adquirindo traços que a assemelhavam à imprensa iluminista europeia. Segundo Gomes (2007, p. 78), “o advento da imprensa representou um espaço para a conquista da cidadania e da língua brasileira, já que foi por meio da

linguagem que o homem foi chamado a participar de todos os processos de mudança da história humana”. O estado de Pernambuco conheceu a imprensa desde 1817, o que coloca o estado entre os expoentes das primeiras produções de textos jornalísticos na História Social, Política e Linguística do Brasil (SODRÉ, 1999). O primeiro jornal a ser publicado diariamente em Recife foi o *Diario de Pernambuco*, em 7 de novembro de 1825.

Neste artigo trabalharemos com o jornal *O Carapuço*, que foi um dos exemplos pioneiros do jornalismo doutrinário, preocupado em ocupar o lugar de formador da opinião pública esclarecida e atuante. Este periódico circulou, em Recife, em várias fases, com periodicidade irregular de abril de 1832 até dezembro de 1842 e de forma esporádica entre 1843 e 1847. Teve como único redator o Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama e era impresso na tipografia Fidedigna, de propriedade de José Nepomuceno de Melo. Miguel do Sacramento Lopes Gama nasceu e criou-se em Recife, e, além de padre, foi também professor, político e jornalista. O Padre Carapuço, como era conhecido, foi testemunha de mudanças da sociedade regencial, em um Estado que se tornava um dos principais focos de transformações sociais no país. De 1835 a 1836 e em 1844, as matérias d’*O Carapuço* foram publicadas pelo *Diario de Pernambuco*.

O Carapuço conseguiu ter uma cumplicidade com um público que não se deve desprezar, sobrevivendo por um período de quinze anos (1832-47). Vale ressaltar que na época de circulação desse jornal existia uma grande efemeridade dos periódicos. Era a época do início do jornalismo, o jornal tinha uma função opinativa e predominava a tendência político-panfletária do jornalismo. Os discursos eram inflamados, áulicos, pomposos, com injúrias e grosserias e a linguagem era usada com veemência.

3. O editorial nas páginas d’*O Carapuço*

O formato d’*O Carapuço* era 21 x 15 cm, tinha quatro páginas de duas colunas, sobre o título, exibia a ilustração do interior de uma loja de chapéus – com barretinas, chapéus, coroas imperiais, mitras e carapuças penduradas na parede -, de um lado e de outro do balcão havia dois senhores de aspectos aristocráticos, um deles podendo ser o lojista, o *Padre Carapuço*. Nas margens laterais encontram-se a data, com dia da semana, dia e mês (margem esquerda) e ano e o número do exemplar (margem direita). Completava o cabeçalho a divisa em latim “Hunc servare modum nostri novere libelli Parcere personis, dicere de vitiis” (Marcial. Liv. 1. Epist. 33), traduzida para o português: “Guardarei nesta Follha as regras boas, | Que he dos vicios fallar, não das pessoas”. Informações sobre a tipografia e a epígrafe também constavam do cabeçalho. As epígrafes revelam a linha editorial predominante nos jornais, no caso d’*O Carapuço* (Periódico sempre moral e só per accidens político).

Quanto à identificação dos gêneros textuais no jornal como um todo, percebemos n’*O Carapuço* que nem sempre houve um padrão de organização que fixasse a quantidade e a tipologia dos gêneros. Em alguns números só havia um texto (o editorial), outros se organizavam com seções, como variedades, e com gêneros diversos: anúncio, fábulas, sonetos, anedotas, provérbios, pensamentos, carta de leitor, artigo.

Com toda essa diversidade, esta análise concentra-se nos editoriais. Percebemos que houve casos de mescla na constituição formal desse gênero, a exemplo do número 39, de 1838, no qual o editorial inteiro assume a forma de um poema. De acordo com Marcuschi (2008), “é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de forma e de funções”. Para explicar este fenômeno, o autor usa a expressão *Intergenericidade*. Koch & Elias (2006) descrevem a Intergenericidade da seguinte forma: “um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. Elas destacam que “é interessante a mescla de gêneros como um recurso de que dispõe o produtor de texto para alcançar o seu propósito comunicacional e a que deve estar atento o leitor para a construção de sentido” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 116). No exemplo seguinte, o editorial assumiu a forma de poema, porém manteve a sua função comunicativa:

Exemplo 1: *Visitas de Senhoras*. || As visitas das senhoras| Tem muito, que aproveitar: | Quero traçalas ao vivo| E ver, se as posso pintar. || Logo que chega a visita, | Corre-se ao topo da escada, | E des d'a porta da rua| Principia a matinada. || Alguma das senhoritas| Tira o xale a seus Agrados, | Depois do que há chorriho| De beijocas, e abraçados. || (...) Acadeirão-se as meninas| Em torno da visitante, | E começa desde logo| Huma conversa incessante. || (...) Ahí se senta, e baralha. | Qual o valete com sotas, | Vai-se vasando em finezas, | Em tudo mais mette as botas. || Faz dos dedos brando pente, | Com qu'alisa a cabecinha, | Afim que se não apague| Da liberdade a estradinha. || (*O Carapuceiro*, 1838 – nº 39)

Percebemos a intergenericidade também no exemplo 2, no qual o editorial assumiu a forma de um conto.

Exemplo 2: *D. Febrilas. – Conto Hespanhol*.|| Na idade de 22 annos quiz D. Febrilas| ser homem d'importância , quiz occupar| os mais elevados empregos , e alem disto| adquirir nomeada entr'esses pastranos su-| blimes , que levão a vida a pòr a Philo-| sophia em enigmas. Tão exageradas erão| as suas pretenções , que o que contenta-| ria em outras oras ao velho mais calejado| no serviço da republica , foi a seus olhos| huma desgraça insuportavel. (*O Carapuceiro*, 1842, nº71)

Podemos observar ainda outros exemplos de intergenericidade nos editoriais d' *O Carapuceiro*. Isso demonstra o caráter plástico do gênero na primeira metade do século XIX. Essa plasticidade se apresenta na forma versátil como ele era veiculado, não perdendo a prototipicidade opinativa e apresentando-se ora sem rigor organizacional, ora com rigidez esquemática. No exemplo seguinte, o editorial tomou a forma de uma ata, apresentando características de intergenericidade e demonstrando a criatividade de seu autor. Para tanto, ele mesclou dois gêneros, a ata, como diz o próprio título e o editorial, que identificamos pela sua localização no suporte e pelo seu teor opinativo. A ata trata de uma assembleia de senhoras deputadas, o que não existia na época, discutindo sobre temas relacionados aos costumes e comportamentos femininos. O editor usou as vozes das senhoras deputadas para expressar um determinado ponto de vista.

Exemplo 3: *Acta da 2ª Sessão da Camara das| Senhoras Deputadas*|| PRESIDENCIA DA SENHORA D. TUDINHA.|| Comparecerão 85 Sras. Deputadas ,| faltando sem participação 18, e com par-| te de

arrufada a Sra. D. Teté, de incom-| modada d'estomago a Sra. D. Laurinda ,| de faniquitos a Sra. D. Umbelina, d'enxa-| queca a Sra. D. Ritinha , e sem saber de| que a Sra. D. Felismina.(...) Entrou em 2ª discussão o seguinte| Projecto de D. Felicinha.|| PROJECTO N° 4.|| Convindo muito regularizar as materias| de amor , e outro sim sendo de grande| interesse publico , que o nosso sexo re-| vendique os direitos , que lhe dera a na-| tureza , e que lhes forão extorquidos pe-| la prepotencia dos homens , a Camara| Legislativa das Senhoras Deputadas De-| creta|| Art 1º Nenhuma mulher poderá con-| trahir casamento sem previamente| faça exame vago , e seja approvada em| todas as disciplinas de Amor. Exceptu-| ao se as viuvas de 2º matrimonio , e as| funcçõnistas de profissão. (*O Carapuceiro*, 1842, nº52)

No que diz respeito à identificação dos gêneros textuais que fizeram parte dos editoriais do jornal *O Carapuceiro* a serviço da sua proposta editorial, percebemos uma certa diversidade. Observamos na constituição do editorial a presença de outros gêneros como poemas, máximas, diálogos, atas, anedotas, contos, cartas, sejam eles indicando a ocorrência dos processos de intertextualidade ou de intergenercidade. No exemplo 4, verificamos a intertextualidade quando o redator, o Padre Carapuceiro, usa a carta de uma leitora, pedindo conselhos, no início do editorial para introduzir o tema que será abordado: casamentos precoces. Segundo Bazerman (2006, 2004), a intertextualidade pode se estabelecer num movimento prospectivo, no qual um texto introduz ou aponta para um texto futuro.

Exemplo 4: *Carta de huma donzella, de 13 annos| pedindo parecer sobre o seu casa-| mento.*|| Sr. – Eu fiz 13 annos a nove de No-| vembro passado , e com effeito he tem-| po que eu principie a cuidar em tomar| estado ; por isso humildemente vos ro-| go , que me digaes , como deverei ha-| ver-me com florindo , que actualmen-| te me dameja , e faz a cõrte. (*O Carapuceiro*, 1839, nº4)

Em síntese, ao fazer esta análise, verificamos também estratégias textual-discursivas para a produção dos editoriais, entendendo que o conceito de intergenercidade contribui com a compreensão do processo de produção do gênero editorial. Nessa análise, ficou evidente a ocorrência predominante da estrutura canônica do gênero.

Para a análise dos editoriais do jornal *O Carapuceiro*, procuramos identificar traços característicos das três tendências do jornalismo (tendência político-panfletária, tendência literário-independente e tendência telegráfico-informativa), que apresentavam fases relacionadas ao contexto histórico, social, tecnológico e cultural e que influenciaram a produção do jornal em épocas distintas. Essas tendências amplas, com motivação estilística, foram sistematizadas por Gomes (2007).

O Carapuceiro surgiu na fase inicial da imprensa, quando informação e opinião não eram bem separadas. Matérias sobre conflitos internos, independência e abolição sempre estavam presentes. A tendência político-panfletária do jornalismo predominou nessa mesma época e esse periódico retém essas características. A imprensa retratava a transformação política pela qual o Brasil passava e o índice de analfabetismo era alto. Os

discursos eram inflamados, áulicos e pomposos, com injúrias e grosserias, e a linguagem era usada com veemência. O contexto sócio-político do Recife, na época em que *O Carapuceiro* circulava, era efervescente. Esse periódico foi muito importante, pois, além de abordar acontecimentos políticos, registrava as novidades e os costumes comportamentais da sociedade recifense da época, em tom de aconselhamento.

Exemplo 5: (...) Finalmente proscrevei| Da vossa casa as Novellas;| São douradas esparrellas,| Que se armão as paixões,| Veneno dos corações.|| 33|| Substitui a taes livros| Os livros de piedade ,| Do Evangelho a bondade| Mostrai-lhes todos os dias ,| De o seguir as primazias.|| 34|| Não consintaes , que se mettão| A Politicas, e Stadistas,| E menos a Filosofistas;| Que mulher , que nisso dá ,| Perdida de todo està.|| 35|| Leia alguma boa historia,| Estude a Geografia ;| Não se atire a Poesia ;| Que a mulher dada a Poeta| Põe o marido pateta.|| 36|| **Taes são os puros concelhos,**| Que vos dou, caros amigos ;| Evitareis mil perigos| Se nelles bem refletirdes ,| E taes dictames seguides.|| (*O Carapuceiro*, 1837, nº28) (grifo nosso)

No exemplo acima, observamos claramente as limitações do papel da mulher no contexto sócio-histórico do período em estudo e como o autor de *O Carapuceiro* fazia questão de explorar, defender e aconselhar, nas suas páginas, as “boas condutas” para a parcela feminina da sociedade da época. O conselho acima é destinado aos maridos, aos quais cabia o cuidado e o impedimento de que a mulher tivesse acesso à Política, à Filosofia, à Poesia. A elas, sob o consentimento dos maridos, estava liberada a leitura do Evangelho, de alguma boa história e da Geografia. Esse debruçar sobre o comportamento feminino é uma das temáticas presentes nos editoriais d’*O Carapuceiro*.

Como alguns aspectos formais foram comentados neste tópico, vejamos no item seguinte algumas estratégias linguístico-discursivas utilizadas para o desenvolvimento desse e de outros temas.

4. Elementos linguístico-discursivos constitutivos do editorial d’*O Carapuceiro*

O editorial é um dos primeiros gêneros do jornalismo impresso. De acordo com Antunes (1996:119-120), os editoriais “reúnem características condizentes com o tipo argumentativo e (...) orientam-se para a formação de opinião pública, embora cumpram, de certa maneira, também uma função informativa”. Para Gomes (2007, p. 57), “a forma como o texto é organizado procura atender a uma dada finalidade comunicativa; no caso do editorial, persuadir os leitores. Sendo um texto de opinião, no editorial o escritor expõe o seu ponto de vista”. Dentre os elementos que constituem a argumentação estão as perguntas retóricas, cuja intenção é persuadir o interlocutor. O trecho que segue é um exemplo desse recurso recorrente na constituição do editorial d’*O Carapuceiro*:

Exemplo 6: Com effeito lá| resurgio perto de Sancto Antão o as-| salvajado Torres Galindo, procla-| mando a Restauração de seu senhor| D. Pedro de Bragança. Ora á vista| de tantos factos, á vista da pertinacia| dos Cabanos, que há hum anno su-| stentaõ a guerra, á vista de taes a-| contecimentos **quem ainda duvidará, | que maõ occulta dirige a infame cau-| sa da restauração?** (*O Carapuceiro*, 1833 – Nº 52) (Grifo nosso).

O recurso da pergunta retórica é muito explorado pelos autores dos editoriais e se configura como um traço de continuidade na constituição desse gênero que circula do século XIX ao XXI nos jornais pernambucanos (GOMES, 2007). A citação é outro elemento que faz parte dos recursos argumentativos da tradição discursiva editorial. Ela era comum nos textos do século XIX, lhes conferindo mais requinte e demonstrando a erudição de seus autores.

A utilização de citações e referências a autores clássicos nos editoriais dessa época dava um aspecto mais literário e científico às versões iniciais deste texto jornalístico e demonstrava um elevado nível retórico. Sabendo disso, seus autores frequentemente utilizavam esses recursos para enriquecer a argumentação através do discurso de autoridade do outro e demonstravam assim conhecimentos literários, políticos, filosóficos etc. Isso não era diferente n' *O Carapuceiro*:

Exemplo 7: (...) Certa-| mente desde Aristoteles até Cicero, desde Cicero até Quintiliano desd'estegrande Mestre até| Rolim, La Harpe, Gibest Fenelon, Marmontel ,| Bufon, Hug-Blair, Andrieux, &c. todos a huma| voz ensinão, que a Fantazia he o primeiro, e| principalissimo requizito do Orador ; porque| sem esta, não he dado excitar as paixões, e as| paixões são, como se sabe, as armas mais pode-| rosas da Eloquencia: e se he incontestavel, que| no Bello sexo predomina grandemente a Fan-| tazia; segue-se que as Senhoras são muito aptas,| e mais do que o geral dos homens para a Rhe-| ctorica. (*O Carapuceiro*, 1837, nº28)

Por outro lado, os redatores do editorial também buscavam um contato mais próximo com seus leitores, intencionando quebrar um pouco a formalidade, usando, por exemplo, ditos populares que são típicos da linguagem mais informal e coloquial. São citações da tradição oral, cujo reconhecimento parte da cooperação entre autor e leitor.

Exemplo 8: Pensamos ,| e quasi apostamos , que não haverá| Christão , que ponha olhos amorosos em| semelhante mulher ; mas he engano :| há quem a tenha por bonita , há quem| a requeste , há quem se apaixone por| ella conforme o antigo proloquio -| ***Quem o feio ama bonito lhe parece.***|(*O Carapuceiro*, 1842- nº10) (negrito nosso).

A tendência político-panfletária desse jornal pode ser exemplificada pelo uso da adjetivação enfática. A utilização dos adjetivos nos editoriais do século XIX era muito frequente. Além de ser uma característica dos textos opinativos, isso lhes conferia contundência, ficando claro o caráter incisivo da linguagem. Segue um exemplo de uma sequência adjetiva:

Exemplo 9: O que estamos| vendo todos os dias: desabrimentos, odios, | e desgraças. || Mui bello, mui conveniente, e mui san-| cto he sem duvida o estado de cazado: mas| não pode, nem deve ser abraçado por todos, | nem inconcideradamente. Do que serve re-| ceber huma Menina muito pobre com hum| marmanjo tanto, ou mais pobre, do que| ella, e de mais sem meio algum de ganhar| a vida? De taes uniões não provem ordi-| nariamente, se não huma raça de **proleta-| rios, de vadios, e miseraveis, verdadeiros| flagellos da Sociedade.** (O Carapuceiro, 1837 – nº 30) (grifos nossos)

O uso do vocativo era uma marca de interação com o leitor muito presente nos editoriais dessa época. Dirigindo-se diretamente ao público, o editorialista inflamava os debates e estreitava o contato com seus leitores. Observamos isso no trecho abaixo:

Exemplo 10: Que mão poderosa nos| arrancará das bordas do abysmo ? **Bra-| zileiros honrados** , vós todos , que ten-| des, que perder , e nada a ganhar com| as revoluções , uní-vos em hum só fa-| cho ; postergai esse ridículo prejuizo de| bairrismo ; dai-vos as mãos para sus-| tentar a integridade do Imperio , para| manter illeso o Throno desse Augusto| Menino , taboa da nossa salvação ,| penhor sagrado da nossa prosperidade.| (*O Carapuceiro*, 1839- nº 20) (grifo nosso)

A pontuação enfática também exercia um papel importante nos primeiros editoriais, pois estabelecia um ritmo ao texto, envolvendo o leitor e fazendo com que a mensagem veiculada fosse mais impactante. É o que percebemos neste exemplo:

Exemplo 11: Os Republicueiros de Piratinim des-| mascarão-se de todo, e proclamarão a| sua independência sob o regimen Demo-| cratico: mas os Republicueiros da Ba-| hia, ou mais timoratos, ou mais *circums-| pectos*, contentarão-se com huma inde-| pendência provisoria, isto he; querem| ficar sobre si, durante a menoridade do| Imperador! Que tal a especulação ? | Que cousa haverá em o nosso mundo| politico, que não tenha sido provisoria? | Só nos faltava ver independência provi-| soria ; e eila na Bahia. (*O Carapuceiro*, 1837 – nº 72)

Bechara (2009, p. 604-605) destaca exemplos do emprego da pontuação, a vírgula é essencialmente separadora, assim como o ponto e vírgula, o ponto final, ponto de exclamação, reticências; dois pontos, aspas simples, aspas duplas, o travessão, parênteses, entre outros, são sinais de comunicação ou “mensagem”. Esse autor, juntamente com Nina Catach, entende por pontuação “um sistema constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” (NC.1, 7: 1994, apud BECHARA, 2009, p. 604).

Os pontos de interrogação e de exclamação eram elementos indispensáveis na composição da tradição editorialística, principalmente em sua fase inicial. Segundo Cunha (1994), a interrogação é usada no fim de qualquer interrogação direta, mesmo que não exija resposta; já a exclamação expressa espanto, surpresa, alegria, entusiasmo, dor, súplica, etc. Observamos isso nos exemplos abaixo, cujo emprego desses sinais imprime o tom enfático do discurso:

Exemplo 12: (...) e venhão-me cá dizer os| Senhores Physiologistas, que as mulheres| são fracas, e improprias para guerrear! | Algumas há, que se as deixassem bran| dir a espada, não terião, que invejar| a os Alexandres Magnos, a os Cesa| res, e Napoleões: e a espada da lingoa! | Que Turrenns, que Welington há hi, | que se possa medir com muitas dellas? | Outras são mais pacatas, e contentãose| de soltar seu traquezinho da India, sua| rodinha, sua pistola, e os patuscos de| redor, enlevados, como patetas! || A gente do meuçalho não deixa de| festejar o S. João a seu modo. (*O Carapuceiro*, 1837, nº 23)

As aspas, os parênteses e as representações gráficas (itálico, negrito, caixa alta etc.) também eram bastante utilizados pelo redator d’*O Carapuceiro* para comunicar algo ao seu interlocutor, sugerindo ênfase, explicando ou destacando informações importantes:

Exemplo 13: Consequentemente deve| sustentar-se em caldinhos de pintainho ,| agoa de arroz , charope de spargo (**que| he remedio muito da moda**) alteia con-| tinuamente , e bichas huma vez por ou-| tra. Se os Facultativos lhe tiverem| consultado a caixa do peito com hum| canudo , ou batendo com a mão d’hum ,| e d’outro lado como se experimentão as| melancias , e a houverem mimoseado| com huma hypertrophia do coração (e| **qual foi já o filho de Eva , que sendo| apalpado por certos Esculapios , estes| lhe não descobrissem essa enfermidade?**)| he ouro sobre azul ; e tal senhora , que| parece , só

devèra agradar ao coveiro ,| cobra a fama de beleza sentimental , e| vè-se requestada de mil adoradores. (*O Carapuceiro*, 1842 – n°10) (Grifo nosso)

Essas foram algumas das muitas ocorrências linguístico-discursivas identificadas na análise dos editoriais d’*O Carapuceiro*. Elas confirmam alguns traços de mudança ou de permanência historicamente reconhecidos na composição da tradição discursiva editorial.

5. Reflexões sob o ponto de vista do ensino

No tocante ao ensino, temos como propósito contribuir com uma reflexão interdisciplinar que vise ao constante (re)fazer investigativo e pedagógico. Esperamos também contribuir para a construção de uma prática que objetive a interação entre o passado e o presente, assim como a formação de leitores e produtores de texto competentes linguisticamente e que saibam usar a língua nas diversas situações de interação, alcançando seus objetivos sociais. Nesse sentido, levamos em consideração dois eixos de ensino da língua(gem), a leitura e a escrita, tendo por base o pensamento de Rojo (2000, p. 29), ao explicar que:

“os conteúdos indicados para as práticas do eixo do *uso da linguagem* são eminentemente enunciativos e envolvem aspectos como: a historicidade da linguagem e da língua; aspectos do contexto de produção dos enunciados em leitura/escuta e produção dos textos orais e escritos; as implicações do contexto de produção na organização dos discursos (gêneros e suportes) e as implicações do contexto de produção no processo de significação. Logo, neste universo o *texto* é visto como uma *unidade de ensino* e os *gêneros textuais* como *objetos de ensino*” (destaques da autora).

Sendo assim, na abordagem concernente ao eixo da leitura, destacamos, neste artigo, a reconstrução da performance do jornal *O Carapuceiro* a partir da análise do editorial. Nesse eixo, é importante fazer a reconstrução das diversas relações semióticas do texto antigo, situando-o no tempo e no espaço e considerando os elementos linguísticos e epilinguísticos importantes para a construção de sentido do texto.

Na abordagem do eixo da escrita, o destaque está na utilização de diferentes recursos linguístico-discursivos que revelam e podem aguçar, na sala de aula, o interesse dos alunos pelo conhecimento do português brasileiro em diferentes níveis de estudo e das condições de produção de sincronias passadas. Nesse eixo, é possível estudar a organização estrutural relativamente estável dos textos, fazendo a identificação da identidade do gênero através de sua finalidade comunicativa ao longo do tempo, pois para cada texto/finalidade existem marcas linguístico-discursivas específicas. Essas são algumas implicações pedagógicas apresentadas por Antunes (2003) e que abrangem as práticas da leitura e da escrita.

Os textos do jornal *O Carapuceiro* refletem o espaço-tempo em que foram produzidos. Por meio deles, especialmente dos editoriais comentados neste trabalho, podemos verificar as mudanças e permanências formais, linguísticas, discursivas,

temáticas e estilísticas dos textos e dos gêneros, o que revela o caráter processual da historicidade da língua e dos textos, sem deixar de reconhecer a independência de cada uma dessas duas histórias e, ao mesmo tempo, os aspectos complementares.

Defendemos, nesta altura do trabalho, que a inserção de uma abordagem sócio-histórica da língua(gem) e dos textos em sala de aula é importante, pois dessa maneira os alunos compreenderão melhor como funciona a língua, analisando como se dava e se dá a produção dos textos, além de propiciar a percepção das alterações e das recorrências nos textos, nos gêneros e na língua ao longo do tempo. A relação entre gêneros textuais e ensino vem sendo discutida nos meios científico-educacionais há algum tempo. Entretanto, ainda existem poucas pesquisas de caráter sócio-histórico, com vistas à transposição para o ensino da língua(gem).

Trabalhar os gêneros presentes nos jornais, sejam eles da atualidade ou do passado, significa abrir portas para a reflexão sobre elementos linguísticos, epilinguísticos e extralinguísticos de textos que circulam ou circularam na sociedade, possibilitando a contextualização das discussões e a análise do uso da língua. Portanto, o jornal pode ser muito proveitoso para desenvolver atividades de leitura e de escrita. Para Cagliari (1989), a leitura cria e guia a escrita, estabelece os seus limites de uso e constitui a alma dos sistemas de escrita. Nas práticas de letramento, elas são tidas como práticas sociais. Para Soares (2000, p. 12), letramento significa:

O estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita; muitas outras poderiam ser citadas.

O desenvolvimento dessas duas habilidades está atrelado também a um aprendizado social, e a aprendizagem delas “não é algo que se dá de modo espontâneo, mas se constrói através de uma intervenção didática, sistemática e planejada” (SANTOS, 2006, p. 22). Assim, tendo em vista o estudo desenvolvido sobre o editorial, presente no jornal *O Carapuceiro*, buscamos mostrar a importância de incluir nas atividades em sala de aula a abordagem da leitura e da escrita a partir de textos diacrônicos para estimular os alunos a serem leitores e produtores de texto autônomos e críticos.

6. Considerações finais

Pesquisar os editoriais no jornal *O Carapuceiro* significou mais uma oportunidade conhecer o processo social, histórico e cultural de produção escrita e de leitura de textos em condições de produção do passado. A observação de aspectos formais, linguístico, discursivo, temáticos e estilístico contribui para a identificação de traços de permanência e mudança do português brasileiro e da tradição editorialística do período em questão.

As mudanças sociais estão ligadas a mudanças na formação de modelos textuais. Para Oesterreicher (2001), as Tradições Discursivas (TDs) têm um caráter móvel e estão sujeitas à dinamicidade da história, ou seja, estão sujeitas às mudanças que serão ditadas por cada novo acontecimento histórico/social, cada nova necessidade comunicativa que vai influenciar diretamente nos gêneros textuais que circulam na sociedade e que concretizam as tradições discursivas. Assim, jornais, revistas, romances, sermões, teatro podem revelar a maneira complexa pela qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.

Percebemos que no jornal *O Carapuço*, o editorial já ocupava um lugar específico, embora não tivesse nomeação. Nos primeiros números também não tinham títulos. Sua identificação ocorre por meio de pistas linguísticas e, sob o ponto de vista discursivo, da permanência do teor opinativo, da finalidade comunicativa, recursos e estratégias argumentativas. O Padre Lopes Gama, ao produzir os textos do jornal, utilizou diferentes recursos para atingir a sua finalidade comunicativa e discutir os costumes sociais e culturais da época.

Ao fazer esta análise, verificamos a importância do uso de estratégias linguístico-discursivas para a produção dos editoriais. Com ela, buscamos contribuir para o entendimento da organização textual e para uma reflexão ampliada da língua e dos textos de sincronias passadas, sem deixar de reconhecer as especificidades do domínio histórico de cada um. Percebemos também que as mudanças e permanências observadas nos editoriais que compõem *O Carapuço* são condicionadas por fatores internos e externos, históricos, sociais e culturais, que precisam ser levados para reflexão na sala de aula. Assim, esperamos que este trabalho seja relevante para incentivar o interesse dos futuros professores/pesquisadores sobre a questão da historicidade interna e externa da língua(gem), dos textos e da sociedade recifense, com dados que sejam significativos para uma análise comparativa com outras realidades brasileiras.

7. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aspectos da coesão do texto:** uma análise em editoriais jornalísticos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

_____. **Aula de Português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de *corpora* históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, Tânia et. al. (Orgs.). **Rosae:** linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012.

BAZERMAN, Charles. Formas Sociais como habitats para ação. In: **Investigações:** Linguística e Teoria Literária – vol. 16, número 2, junho /2003, pp. 123-141.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. rev., ampl. E atual. conforme novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e Lingüística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 12 ed. Brasília: FAE, 1994.
- GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de Jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- GUEDES, Marymarcia & BERLINK, Rosane de Andrade (Ed.). **E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.
- KABATEK, Johannes. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Fundacion Duques de Loria. Seminário de História da língua espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas. Soria, Del 7 al 11 de Julio de 2003.
- KOCH, I. V. G. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: o que são como se classificam?** Recife: UFPE (Mimeo), 2000.
- _____. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- _____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- OESTERREICHER, Wulf. Cajamarca 1532 – **diálogo y violência. Los cronistas y la elaboración de una historia andina**. *Lexis* vol. XXI (2), 1997, p.211-271.
- _____. **Langage parlé et langage écrit**. *Lexicon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. 1,2, s.v. 62. *Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache*, 2001, p. 584-627.
- _____. Automatización del Texto y Recontextualización. Dos problemas fundamentais en las ciencias del texto. In: RODRIGUES, E. (Org.). **Homenaje Luis Jaime Cisneros Lima**. Pontificia Católica del Peru, 2002.

PESSOA, Marlos de Barros. **Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade: o caso do Recife, Brasil.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag. Pontifícia Universidad Católica del peru, 2003, vol. I, p. 343-387.

ROJO, Roxane. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão circular e projetos. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2000.

SANTOS, Carmi Ferraz. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, Leonardo Dantas. O Carapuço. In: GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. **O Carapuço.** Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1883, v1 prefácio.

SOARES, Magda B. Letrar é mais que alfabetizar. In: **Jornal do Brasil** – 26/11/2000. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br> Acesso em 05/10/2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.